



A política pensada de forma imanente em Maquiavel

*Everton Aparecido Moreira de Souza**

Resumo: Este artigo visa estudar a política segundo o ponto de vista de Nicolau Maquiavel. Com efeito, veremos que, para o nosso filósofo, a *verità effettuale* dos fatos deve ser a grande norteadora do agir político. Além disso, entenderemos como e porque Maquiavel começa a pensar a ação política de maneira plenamente realista.

Palavras-chave: *Verità Effettuale*; Imanência; Ação Política; *Virtù*; Realismo.

The politics thought out immanent mode in Maquiavel

Abstract: This article aims to study the policy from the point of view of Niccolò Machiavelli. In fact, we will see that, for our philosopher, the *verità effettuale* of the facts should be the big guiding of political action. Furthermore, we will understand how and why Machiavelli begins to think political action so fully realistic.

Keywords: *Verità Effettuale*; Immanence; Political Action; *Virtù*; Realism.

* Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor em Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE). E-mail: everton3729@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5018518888260743>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4005-7266>.

O contexto histórico e a vida de Maquiavel

Nicolau Maquiavel foi um notável historiador, diplomata, filósofo e político italiano. Nasceu na cidade italiana de Florença em três de maio de 1469. Filho de Bernardo e Bartolomea, logo cedo foi introduzido aos estudos de língua latina e sempre teve interesse pelos escritores e filósofos clássicos.

Em 1494, Carlos VIII, rei da França, invade a península. Estamos diante da impotência da Itália enquanto Estado. Os Medici perdem o poder em Florença e o monge Savonarola assume a política florentina. Maquiavel ingressa na Chancelaria de Florença, ocupando cargo de pouca relevância. Em 1498, o monge é enforcado e Maquiavel começa sua ascensão na vida política, com grande apoio de Soderini.

Em 1513, a família Medici volta ao poder. Maquiavel é preso e torturado sob a acusação de complô contra os Medicis. Nesse tempo de ostracismo político, Maquiavel começa a escrever *O Príncipe* e Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio e outras obras. Em 1529, Maquiavel volta à vida pública e trabalha para os Medicis. No ano seguinte, os Medicis perdem o poder novamente e Maquiavel é destituído de suas funções. Por fim, morre em 21 de junho de 1527.

A grande ruptura de Maquiavel

Nicolau Maquiavel entrou para a história do pensamento filosófico político por dois grandes motivos: primeiramente, pelo fato de elaborar uma teoria política plenamente embasada na realidade, puramente imanente, e, em segundo lugar, por se afastar de pensadores clássicos e medievais no âmbito da ética prática. Em resumo, o pensador florentino ateu-se fundamentalmente à *verità effettuale* das coisas. E Maquiavel, ao deixar-se guiar pela *verità effettuale* dos acontecimentos, está plenamente consciente de que a história tem o seu papel fundamental para podermos entender a relação que existe entre a *virtù* e a *verità effettuale*.

Entretentes, para o pensador florentino, a história acontece de maneira cíclica:

Descreve-se, assim, como os homens, que viviam como bestas, escolhem um rei e como a realeza degenera-se naturalmente em uma tirania. Essa tirania engendra uma aristocracia que, ao degenerar-se, cria uma oligarquia. Todo o processo encontra o seu fim com o nascimento da democracia e sua transformação posterior em anarquia. Maquiavel conclui dizendo que “esse é o círculo no qual, girando, todas as repúblicas se governam” (BIGNOTTO, 1991, p. 174-175).

Evidentemente, Maquiavel tem certa influência de Políbio ao elaborar e pensar a problemática da história. Entretanto, o conceito de história em nosso pensador é um tanto quanto inovador. Com efeito, o ciclo, como ensina uma boa parte da tradição, pode fornecer um bom paradigma para a compreensão geral da história. Entretanto, ele nada ensina sobre a especificidade de cada comunidade¹. Diante disso, o ator político tem a sua chance de fazer acontecer tudo aquilo que é necessário para o governo de um Estado. Ou seja, é a compreensão da história mediante a veritá effettuale particular dos acontecimentos que dirá ao príncipe ou qualquer governante como é que a *virtù* deverá ser para o bom êxito político.

Nesse sentido, segundo Maquiavel, o ator político deve assegurar-se das condições necessárias para a produção de um juízo do olhar que lhe seja favorável, que lhe permita conservar-se no jogo político e realizar seu projeto. Dessa forma, a relação entre louvor e eficácia afigura-se como uma rua de mão dupla. Em uma direção, o louvor corresponde a uma avaliação positiva da ação do príncipe. Na direção oposta, a possibilidade mesma de agir reside na dependência da aceitação do homem político.

¹ Cf. BIGNOTTO, Newton. Maquiavel Republicano. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991, p. 192.

Essa aceitação, por sua vez, depende da capacidade do príncipe de construir sua imagem e de realizar seus projetos².

Com efeito, a partir do capítulo XV de *O Príncipe*, Maquiavel enfrenta abertamente o problema da formação da imagem, no momento em que denuncia a incapacidade das sabedorias clássica e medieval sobre o assunto da ação política. Dessa forma, sua reflexão política deseja expressar a “verdade efetiva” das coisas, e um dos ensinamentos mais perspicazes nesse sentido é o de que os homens, em geral, reagem à imagem, não à verdade:

Reduzindo a política a sua verdade efetiva, Maquiavel mostra que esta funciona não sob o modo da verdade, mas sob o da ficção-simulação. Esse ponto pode ser percebido em diferentes níveis no príncipe, em particular na análise das virtudes políticas. Maquiavel quebra o espelho medieval do príncipe justo e bom à imagem de Deus, para revelar que os mecanismos do poder estão ligados à produção de ficções. É sobre esta base que o príncipe deve estabelecer o governo do povo. Não se trata de forma alguma de uma questão de moralidade ou imoralidade, mas de uma questão política: a reprodução da obediência que assegura a manutenção do estado supõe a produção de ficções-simulações (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 62-63).

Segue-se que a imagem do político depende de suas ações. Os homens, nesse domínio da exterioridade, julgam de acordo com o que veem e o que percebem são as ações. Nesse sentido, com a certeza de que o saber trabalhar com imagem proporciona um caminho seguro para a verdadeira ação embasada na *virtù*, Maquiavel leva-nos a entender que a ação do príncipe, norteadá pela *verità effettuale*, deve ocorrer primeiramente dentro de seu próprio principado.

² Cf. ADVERSE, Helton. Maquiavel: política e retórica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Nessa linha de raciocínio, à luz de Helton Adverse, ao analisarmos detalhadamente o capítulo XV de *O Príncipe*, veremos que Maquiavel reclama para si a originalidade das ideias expostas em contraposição aos pensadores clássicos e medievais. “Aí, a palavra armas simplesmente desaparece, o que pode causar espanto, visto que está em jogo a ruína ou a conservação do estado” (ADVERSE, 2009, p. 65). Com efeito, é preciso ter em mente que Maquiavel pretende, nesse capítulo, tratar de política doméstica, não de política externa. Ou seja, a manutenção ou perda do estado é vista agora sob o prisma das relações com os “próximos” e os súditos, “(...) e é precisamente nesse ponto que Maquiavel reivindica para si a originalidade” (ADVERSE, 2009, p. 65).

Contudo, para que essa originalidade possa ser atribuída de fato à Maquiavel, é necessário que ele faça referência a alguma tradição. Com esse intuito, ele assinala que “muitos já escreveram sobre esse assunto” (MAQUIAVEL, 2010, p. 75). A quem Maquiavel se refere? Difícil definir. Talvez tenha tido em mente os autores que escreveram sobre espelhos de príncipes, ou textos da tradição medieval que ele certamente conhecia (Dante, Tomás de Aquino), ou da Antiguidade (Platão, Aristóteles ou Cícero) ou ainda todos eles. “De acordo com Maquiavel, os representantes dessa tradição perderam-se na imaginação de repúblicas e principados que jamais existiram” (ADVERSE, 2009, p. 66). Em outras palavras, a verdade efetiva escapa a todos aqueles que se prendem ao modo segundo o qual os homens deveriam viver. Entrementes, não vamos perder nosso raciocínio inicial acerca da originalidade de Maquiavel. É necessário que, após fazermos referência a ela, vejamos quais são os seus desdobramentos na esfera prática do agir político.

Nesse sentido, na perspectiva de Maquiavel, os pensadores políticos, por deixarem de lado a *verità effettuale*, estão fadados a desconhecer a verdadeira natureza da comunidade política. Com efeito, “se o desprezo pela *verità effettuale* da parte dos pensadores políticos significa uma incompreensão acerca dos elementos que estruturam a vida política de uma cidade, no que diz respeito aos atores políticos essa mesma

incompreensão pode significar a perda do estado” (ADVERSE, 2009, p. 66-67).

Nessa altura, podemos “amarrar” tudo o que fora escrito com o seguinte raciocínio: diante da *verità effettuale*, que se dá primeiramente dentro da política interna de um estado, o príncipe deve agir de acordo com a necessidade e, para isso, é fundamental criar um perfil imaginário que angarie boa reputação, pois “o ódio ou o desprezo foram a razão da ruína dos imperadores” (MAQUIAVEL, 2010, p. 100). Dessa forma, o príncipe que tiver a *virtù* elevada e o auxílio da *fortuna* conseguirá estabelecer uma base sólida para o seu estado. Vê-se, pois, claramente a infinita distância de Maquiavel dos pensadores políticos de outrora. Enquanto estes estavam preocupados com o *dever ser*, o secretário florentino atenta-se para o que de fato é. Em outras palavras, o substrato político do nosso filósofo é *puramente imanente* e realista, enquanto os outros solidificaram seus edifícios em *princípios transcendent*es e utópicos. Ousadamente, podemos colocar na boca de Maquiavel as seguintes palavras sobre essa dicotomia da ação política: “Deus até gostaria que a política acontecesse como fora pensada pelos grandes teóricos da Antiguidade e da era Medieval, contudo os homens assim não o querem”.

César Bórgia e sua influência na inovação maquiaveliana

Ao estudarmos o realismo político de Maquiavel e sua sóbria visão da *verità effettiva*, uma pergunta se faz necessária: como e por que ele adquiriu esse modo de pensar? Segundo Pasquale Villari, o exemplo de crueldade de César Bórgia para com Vitellozzo Vitelli, Oliverotto da Fermo e o Duque de Gravina Orsini deu a Maquiavel a ideia de “uma ciência política distinta e independente de qualquer consideração de ordem moral” (VILLARI, 2000, p. 30). Para reforçar essa ideia de Villari, Skinner afirmará o seguinte sobre a influência do Duque Valentino em relação a Maquiavel: “Essa estratégia audaciosa parece ter exercido um

impacto decisivo na formação das ideias de Maquiavel” (SKINNER, 2010, p. 49). Dado a importância desse fato na vida de Maquiavel, vamos, mediante um escrito do próprio secretário florentino, ver como a *virtù* de um verdadeiro príncipe deve ser diante da *verità effettiva*.

O Duque Valentino queria ocupar Bolonha e quando essa intenção chegou aos ouvidos dos Vitelli e dos Orsini, “lhes pareceu fazer o duque muito poderoso, e que se devia temer que, ocupada Bolonha, não procurasse ele eliminá-los para ficar o único bem armada na Itália. E a este respeito reuniram-se em conselho em La Magione” (MAQUIAVEL, 1973, p. 149). Nessa ocasião, estiveram presentes Pagolo, o Duque de Gravina Orsini, Vitellozzo Vitelli, Oliverotto de Fermo e outros mais. “Ali se travaram debates sobre a grandeza do duque e de seus propósitos e como era necessário frear-lhe o apetite; ao contrário, corria-se o risco da ruína comum” (MAQUIAVEL, 1973, p. 149). Toda a Itália soube dessa reunião e muitos estavam esperançosos de que as coisas iriam se voltar contra César Bórgia.

Nesse sentido, os conjurados mandaram mensageiros à Florença para que os apoiassem nessa empreitada. Entretanto, os florentinos que possuíam ódio aos Vitelli e aos Orsini não aderiram à causa e, além disso, mandaram seu secretário, Nicolau Maquiavel, “para oferecer ao duque conselho e auxílio contra estes novos inimigos” (MAQUIAVEL, 1973, p. 150).

Com efeito, o duque que estava com muito medo reanimou suas forças, mediante o auxílio dos florentinos, e começou a planejar sua vingança de duas maneiras: “mandando pedir tropa ao rei da França; e estabelecendo soldo para alguns homens de armas e outros que, de qualquer maneira, militassem a cavalo, e a todos dava dinheiro” (MAQUIAVEL, 1973, p. 150). Tomadas essas medidas, o duque procurou remediar a situação junto aos conspiradores com acordos. “E sendo grande dissimulador, não deixou de, por todas as maneiras, fazer com que acreditassem que desejava que fosse deles o que havia conquistado pelas armas; que lhe bastava o título de príncipe, mas que o principado fosse deles” (MAQUIAVEL, 1973, p. 150). Eles acreditaram na palavra de

Bórgia e lhe mandaram o senhor Pagolo para tratar acordo. Enquanto isso, o duque não interrompeu seu projeto de vingança e preparou suas próprias providências. Para isso, aumentava o número de cavalos e soldados e os mandava para todos os lugares da Romanha. Assoma-se a isso o fato de que as tropas francesas se juntaram ao duque e seu exército ficou tão bem estruturado que já podia declarar guerra contra os conspiradores. Porém, o duque assim não o quis e esperou o momento certo para infligir sua vingança.

Após isso, o duque Valentino reuniu-se com os conspiradores para determinarem qual seria a empresa que levariam juntos a bom termo. Decidiram, então, que atacassem a Sinigaglia. Não demorou muito e essa cidade logo se rendeu. Com efeito, César Bórgia persuadiu os Vitelli e os Orsini que os esperassem em Sinigaglia.

Fez-lhes ver como aqueles selvagens não fariam acordo com eles (...) e que ele próprio era homem que queria poder valer-se das armas e do conselho dos amigos. E embora Vitellozzo estivesse muito renitente e a morte do irmão lhe houvesse ensinado que não se deve ofender um príncipe e depois fiar-se nele, persuadido por Paolo Orsini, subjugado por meio de favores e promessas, corrompido pelo duque, consentiu em esperá-lo (MAQUIAVEL, 1973, p. 152).

Chegaram, enfim, diante do duque e foram recebidos de bom grado. “E entrados em Sinigaglia, e apeados todos no alojamento do duque, e entrando com ele numa sala secreta, pelo duque foram feitos prisioneiros” (MAQUIAVEL, 1973, p. 154). Passado um pequeno espaço de tempo, eles “choraram e imploraram misericórdia, freneticamente lançando a culpa uns sobre os outros, mas Bórgia mandou estrangular a todos” (STRATHERN, 2000, p. 30).

Agora, enfim, podemos entender porque Maquiavel ficou tão impressionado com César Bórgia como comandante militar. Nesse sentido, Maquiavel nos diz sobre Bórgia: “Recapitulando, portanto, todas as ações do duque, eu não saberia em que censurá-lo. Pelo contrário, parece-me – como aliás o fiz – dever propô-lo como exemplo a todos” (MAQUIAVEL, 2010, p. 36).

Diante disso, o nosso propósito fora entender como e porque Maquiavel rompe com os pensamentos políticos clássico e medieval. Com efeito, a figura implacável e repleta de *virtù* de César Bórgia deu-lhe as ferramentas necessárias para um afastamento completo das políticas que se baseavam em virtudes transcendentais. E o êxito desse príncipe fez-lhe perceber, que na situação política atual, o único modo de conservar o próprio estado, conquistar outros estados e, acima de tudo, unificar a Itália era agir de acordo com a necessidade e em concordância plena com a *verità effettuale* das coisas. A história está cheia de exemplos de que quem agiu de outra maneira não conseguiu manter o estado. A questão de Maquiavel não consiste em abolir doutrinas, éticas e códigos morais, mas reside no fato de que a política é uma arte totalmente distinta de qualquer forma de religião; com efeito, se a religião cuida das coisas do céu, a política deve se preocupar com as da terra. Em suma, cada coisa em seu devido lugar.

Referências

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 4 ed. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MAQUIAVEL, Nicolau. *Os Pensadores*: Escritos políticos: Descrição do modo de que se serviu o duque Valentino para matar Vitellozzo Vitelli, Oliverotto da Fermo e o duque de Gravina Orsini. Trad. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ADVERSE, Helton. *Maquiavel*: política e retórica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel Republicano*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

RIDOLFI, Roberto. *Biografia de Nicolau Maquiavel*. Trad. Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 2003.

SKINNER, Quentin. *Maquiavel*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, L&PM, 2010.

STRATHERN, Paul. *Maquiavel em 90 minutos*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Data de registro: 17/05/2016

Data de aceite: 30/11/2016